N. 2. 31 de Maio de 1872.

RIACHUELO

POEMA EPICO EM 5 CANTOS POR LUIZ JOSÉ PEREIRA SILVA,

socio effectivo da sociedade Brazileira Ensaios Litterarios.—Rio de Janeiro. Typ. do Imperial Instituto Artistico, largo de S. Francisco de Paula n. 16. — 1868.

I.

A critica no Brazil nunca foi um genero de litteratura cultivado com mais ou menos proficiencia, mais ou menos cuidado e mais ou menos successo, disse-o um talentoso escriptor (1); não tanto accrescentaremos porque seja de difficil execução, mas porque vedão-na de ser exercida o mais feio egoismo e a mais parva indifferença.

O movimento das letras patrias não é tão rapido que possa dispensar a força que lhe accelere a velocidade; os corpos infinitamente grandes compoem-se dos corpos infinitamente pequenos, e não é sem impressão sensivel ao volume daquelles a desagregação de parte destes ultimos, e nem por sediça é aqui descabida a comparação das obras dos espiritos mediocres ás pequenas pedras que reforção os alicerces dos monumentos.

A logica das artes, que assim appellida Lamartine á critica, precisa de vigorosos e eruditos argumentadores, não daquelles que a maieutica desbaratou, mas dos que conservando atravez das subtilezas emanadas da barbarie dos tempos o são e inconcusso principio philosophico, derão origem ao progresso e ás conquistas da philosophia moderna.

Para tão ousado commettimento, em verdade, é mister á copiosa erudição sobre o assumpto reunir uma quasi que intuição do bello, uma igualdade de comparação inalteravel e um certo tacto espiritual ao qual não escape nem as menos sinuosas protuberancias (se as expressões são permittidas) da

(1) Pires de Almeida, Leitura para todos, *Auroras.*

obra criticada: são qualidades estas difficeis de serem encontradas e mais difficeis ainda de serem adquiridas; mas que os moços estudiosos, não passando da sua modesta posição de amadores, exponhão com simplicidade e sem rebuço as observações que por ventura lhes houver suggerido qualquer objecto de arte, e um dia o critico apparecerá e mais altos e amplos vôos ensaiará este genio das letras patrias tão mal ensinado e peiormente dirigido.

E', portanto, desta posição de espectador enthusiasta e admirador sincero, que pretendemos encarar uma mimosa e opulenta producção da musa nacional; conscio da pobreza dos elementos que possuimos para execução da ardua tarefa, cujo desempenho nos impomos, apenas apresentamos como defeza do arrojo a boa intenção que a elle nos impellio, e diz-nos a consciencia que esta presumpçosa audacia nos será relevada, pois sempre forão bem recebidos os sentimentos nobres do coração no animo generoso da mocidade.

II.

Pelo meiado do anno de 1865 um estrondoso facto veio tingir as folhas da historia patria com o sangue de uma victoria. Triumpho soberbo da civilisação sobre a ignorancia, da justiça sobre a iniquidade, aquella victoria, comtudo, sujeita ás contingencias da imperfeição humana, nasceu de um immenso e crudellissimo holocausto, fonte de lagrimas, semente de saudades.

Como, porém, todos os factos que começão uma serie de acontecimentos que tendem a modificar ou reorganisar o corpo social ou parte delle, a batalha do Riachuelo foi o primeiro acto de um grande drama, cujo protagonista era a nação brazileira: drama da humanidade que arranca as grandes idéas e no qual, na phrase de um escriptor, todos os grandes pensadores representão a sua scena; Prometheu no Caucaso, João Huss na fogueira, Jesus Christo nos braços da cruz.

Inesperado e, por assim dizer, não presentido, o triumpho alcançado no Riachuelo tomou taes proporções no presente,

e apresentou tantas consequencias no futuro, que o amor proprio nacional, ou antes, o coração da patria expandio-se em maravilhoso e estremecido jubilo; alli como que se ensaiárão as forças do paiz; empenhára-se a partida do desaggravo da honra, e o resultado fôra o reconhecimento incontestavel da uberrima vitalidade de tão novo quanto inexperiente Estado. Afóra o magnanimo motivo que nos levára ao campo da batalha e que já de per si constituio assumpto para inspirados canticos, houve naquella pugna tão ardidos heroismos, destacou-se tão nobremente a mocidade desta terra americana, que mais de um estro tomado de patriotica inspiração entoou hymnos ás glorias daquella peleja. Dos que se publicárão aqui na côrte conhecemos a *Ode* ao Riachuelo de Antonio Joaquim de Almeida e Silva Junior, *Greenhalg*, poema de Lacerda Coutinho, e o *Riachuelo*, poema de Luiz José Pereira Silva. Deste ultimo pretendemos nos occupar.

III.

Asseguräo alguns escriptores que os factos recentes ou proximos não se prestão para serem tratados pela epopéa; contão por mais forte razão a presença dos contemporaneos que de continuo estarão a desmentir o maravilhoso do poema; sujeito, com effeito, este ao rigor das regras aristotelicas, medido pela craveira de Homero, difficil será eximir-se daquella condição. E' no entretanto mister observar que se a poesia não morre, ao contrario do que pretende Pelletan, ha de, comtudo, modificar-se segundo as exigencias da civilisação e o progressivo andamento da humanidade. Deve, porém, quem se entregar a estes estudos notar as differenças caracteristicas dos poetas das diversas idades; quasi que identicas na fórma, vasadas no mesmo molde, differe, comtudo, o sentimento e quiçá a concepção de cada uma dessas producções; no Oriente, como bem observa Quinet, o espirito religioso absorve todo o poema; Homero reparte igualmente a narração e a prece, e Virgilio substitue esta ultima pela descripção. Desde então, diz ainda o referido escriptor, o poeta deixou a lyra e tomando a palavra fallou ás turbas do futuro.

Disto resulta que publicada a epopéa segue-se-lhe a historia, e tanto é assim que o primeiro historiador é quasi poeta— Tito Livio é o coração que conta as lendas do Romano; e os outros tomão o assento do juiz, Tacito é o nervo da historia na phrase de Lamartine.

Tão correlactos, pois, são entre si esses dous generos de litteratura, que nos abalançamos a avançar que dos factos da humanidade é a epopéa a synthese de que a historia é analyse; o historiador frio e implacavel percorre todos os estadios dos tempos, marca-lhes os terminos, individualisa as idéas e na paisagem do seculo colloca cada qual em seu lugar. O poeta não; o poeta eleva-se e com um só olhar devassa as profundezas do espaço e mede as distancias das épocas; recolhe de cada um a parte da grande idéa que teve e addiciona-a ao mais distincto, dando assim um nome e reduzindo a um só corpo uma geração secular. Encerradas por esta fórma em um só individuo todas as aspirações de uma época, o poeta dá-lhe a palavra e fal-o dizer que factos e que idéas se concebêrão e se executárão no periodo do tempo em que viveu e sobre o qual influio; e ao depois, usando do poder que a inspiração concede aos vates, deve fazel-o denunciador das cogitações e angustias que torturárão o corpo social, dos projectos cuja concepção foi pensada, mas que não se manifestárão, de todos aquelles rumores vagos, emfim, que, como a luz espalhada nas noites escuras, atravessão seculos quasi sem serpresentidos e dão lugar a longiquas e tormentosas revoluções.

Este é que deve ser o protagonista da epopéa moderna que tem o nome na historia, mas que não é o mesmo da historia; não reduzido ás unicas qualidades ou defeitos que teve, mas sobrecarregado com todos aquelles que forão do seu seculo.

Conseguintemente, conforme estas ideias, não é mister que o peso de muitos lustros faça olvidar a memoria de um facto, para que elle se torne assumpto proprio de um cantico epico; nos tempos modernos, sobretudo, em que ao seculo alguem já se lembrou de substituir a decada; em que a historia está

tão desenvolvida e suas fontes tão expurgadas de enganos e obscurantismos, as maravilhas da industria e das sciencias se succedem a cada passo e com o deslumbramento tirão o conhecimento do tempo, e a chronica minuciosa compunge de tal modo os seculos, que a imaginação facilmente vê com toda a exactidão as scenas do passado e ouve as mais intimas e familiares conversações dos que forão de remotas idades.

O que é necessario sim é que seja um periodo perfeito este de que se occupar o poeta; escripta para o futuro, a epopéa não deve apresentar-se perante elle como um corpo mutilado. Pouco comprehendida pelos contemporaneos, que a aprecião como diversão dos habitos usuaes da vida e não como poderoso elemento de moralisação e de estimulo, a poesia deve tratar de bem morrer antes do que bem viver; um nome que a symbolise é a herança de uma nação, do de Homero, a Grecia, do de Virgilio, Roma, do de Lamartine, a França; do presente ella serve-se para a campanha do futuro, e do que a cultiva exige que sacrifique as honras da actualidade e amasse o pão amargo da decepção para que seu nome aufira as eternas glorias do porvir.

IV.

O poeta não é aquelle que o quer ser, mas o predestinado para tão ardua missão. Naufrague como Camões, ou seja por louco mettido em apertada prisão como Tasso, ande proscripto e vagabundo de cidade em cidade como Dante, ou prive-o a natureza da luz dos olhos, para que mais clara se avive a da alma, como a Homero, a sentelha divina, que os consome e os agita, infunde-lhes uma certa febril anciedade que a despeito d'elles mesmos o hymno prorompe dos labios e o coração, embora magoado, sente força e enthusiasmo para altivos e arrojados canticos.

« As proprias espheras movem-se ao compasso de um rythmo divino, os astros cantão e a creação é um hymno cuja cadencia Deos marca e cuja melodia escuta.» (1) Nasce, pois,

(1) Lamartine—Homère.

da natureza esta como que necessaria harmonia, que é tanto o gorgeio do passaro como a ode do poeta; aquelle, porém, não podendo organisar os elementos para variar os sons, entôa constantemente o mesmo canto, mas o homem ajuntou ás naturaes melodias as notas estridentes feridas no metal da trombeta e as rudes vibrações arrancadas das distentas cordas da cythara.

D'esta reunião dos elementos naturaes aos artificiaes veio a necessidade de regularisar-lhes o emprego, de modo a que um não sobrepujasse outro, e ambos concorressem uniformemente para o fim a que se propunhão; não vibrão som as cordas da lyra soltas ao vento, não deleitão a alma os cantos do poeta não sujeitos ao metro; é preciso afinar a lyra tanto quanto é necessario medir o canto.

Foi, portanto, mister não fixar de antemão a altura até onde pudera se elevar o genio, mas dar-lhe conselhos para que se erguesse com segurança, afim de que porventura não se perdesse pelo desvairamento; disse-se-lhe que o hymno apenas com a fórma que o estro espontaneamente lhe dá fica esquecido na memoria dos homens, como tirado derretido da forja não é o ferro util senão depois de modelado. O anno tem estações, o poema tem cantos; durante aquellas ora a terra é toda de flôres, ora de galhos resequidos; no poema uma vez deve apparecer a lagrima, outra o sorriso, n'esta occasião a paisagem, n'aquella o abysmo.

Recolhidos os cantos, sahidos apenas da mente, o poeta examina se por amplo ou diminuto póde o conjuncto d'elles trazer obscuridade, se a acção é conduzida de modo a que d'ella não se perca o fio, se o caracter do heroe é sustentado com firmeza de modo que não se desminta em parte alguma do poema, se as descripções não se afastão do natural embora uma ou outra vez ampliado para maior belleza, se os episodios, não distrahindo a attenção do assumpto principal, ligão-se ao curso da narração como um affluente ao rio que o recebe, se, finalmente, a phrase é conforme ás situações que pinta e o verso não quebra a medida. Sobretudo, sendo a epopéa o canto de uma geração e não o de

um individuo, é claro que em toda ella se deve reconhecer a indole do povo ou povos cuja historia conta.

Não resume em si o Riachuelo e n'elle não se destaca um vulto heroico, senão muitos; não se prestava, portanto, para assumpto de uma epopéa, não porque fosse recente, mas porque era o facto incompleto.

(Continúa.)

LEITÃO JUNIOR.

TIRITANDO.

O frio!... o frio!...

Pois apregoa-se todos os dias que a sciencia progride de semana em semana e ainda ninguem se lembrou de inventar um sol adjunto? Que mal fez esta boa cidade ao orgulhoso astro rei para tão longa e calamitosa ausencia?

Porque é cousa provada e re...petida que nós, os moradores dos suburbios do tropico, temos incontestavel direito ao maior quinhão dos raios solares; diz-se geralmente; a gelida Albion, a amena Italia, o quente Brazil... Fiem-se nisto e venhão arder um pouco neste sólo de gelo!

Quando eu estudei geographia, dizia-me o lente com perfeita segurança: Nós só temos uma estação que é mais ou menos secca ou chuvosa. Cresça um homem deste modo illudido e esteja agora a escrever estas linhas com uns dedos de marmore.

Todos estão pasmos e rôxos por tal phenomeno. Nunca uma cidade tão importante e bem comportada foi assim menoscabada em seus fóros de tropical. Que o frio faça cahir quantos narizes laponios quizer; géle á vontade os lagos da Suecia; divirta-se com os alegres filhos da Groelandia, nossos irmãos de temperatura neste momento; prenda em suas alvas garras um milhão de baleeiras lá por esses mares arcticos, onde tão bem esteve até agora; deixe, porem, em paz a zona torrida, não se metta a inverter o curso natural das cousas, porque Deos não manda isto!

A continuarmos desta fórma, daqui a uns dez annos es-

taremos de fogão na sala de visitas e a patinhar no lago do Passeio Publico; em compensação na terra do Labrador plantar-se-ha café de uma maneira prodigiosa e a Escossia nos mandará laranjas de presente. Irá tudo ás mil maravilhas; a noticia mais interessante em um anno será mais ou menos esta :

« Hontem, no antigo café Fluminense, um sujeito, depois de atravessar com rara pericia a rua que, como de costume, tinha cinco pés de gelo, pedio um sorvete de ananaz. Comprehende-se o espanto dos caixeiros que ha tanto tempo não ouvem essas palavras; o excentrico sujeito attrahio logo a attenção geral e, depois de algumas altercações, foi remettido para o hospicio de Pedro II, em um trenó, bem escoltado. »

E' esta a perspectiva que temos nós, Fluminenses; nós que ainda ha tres mezes eramos só calor, refrescos, suór e banhos do mar; nós que sentiamos passar sobre nossas cabeças gotejantes os suaves perfumes da febre amarella, da saudosa febre amarella. Os defuntos, era facto sabido, chegavão ainda quentes ao cemiterio e ião gozar antes de se deitarem na cova do fresco da sala do deposito. Encontravão-se, por exemplo, dous ou mais cidadãos, e logo :

— Que calor!

— E' verdade! Ainda estás em S, Domingos?

— Que duvida, pois a gente póde lá deixar aquella frescura!

— Eu cá durmo de janellas abertas ; não tenho medo de ladrões...

— Qual ladrões! neste tempo? Elles mal se podem abanar!

— Tambem penso assim; minha mulher anda com projectos de fazer um passeio ao Jardim; alli reina uma viração que parece mesmo um sopro de anjinhos! A tua pequena já ficou boa daquella constipação?

— Ha que tempo! foi bastante dar um giro ao meio dia para suar á valer. A mais moça é que teve agora um ameaçosito de typho, mas, graças a Deos, já não ha novidade!

— Não sabes quanto estimo... Muito trabalho pela repartição?

— O que? pois é possivel com este calor? Trabalha-se, sim, mas descansa-se o corpo de meia em meia hora; alli, então, que é um forno!

— Lá isto é exacto. Queres vir tomar cerveja?

— Não, obrigado, acabei de fazer isto agora mesmo.

— Pois, adeos; tenho que comprar uma duzia de ventarolas, porque levo hoje minha mulher á Phenix.

— Até á vista.

Veja-se que serie de felicidades! que tom amavel! que estylo! que bons pais de familia!

Um jovem recebia o seguinte bilhetinho:

« Meu querido. Não sabes como gósto do calor só porque tem as tardes compridas. Passa mais vezes pela porta, que não faz mal; não me importo com a vizinhança. Amanhã eu e mamãi vamos passear no largo do Rocio; não faltes e vai todo de branco para eu te conhecer de longe. Remetto-te este cravo encarnado e desculpa se esta carta está molhada, porque estou suando muito. Tua, *C.* »

A resposta era:

« Minha alma.— Arde meu coração nas chammas do mais abrazado amor; beijo e rebeijo tuas ardentes phrases e queima-me o cerebro a triste lembrança de que só te vi duas vezes hoje de tarde, quando podia incendiar-me quatro vezes ao fogo dos teus scintillantes olhos e aos raios dos teus divinos sorrisos, Irei, irei ao Rocio e verás fulgurar no meu peito todo em braza o cravo que me enviaste, já meio secco pelo calor de meus osculos. Adeos, estrella, até amanhã, facho de minha vida. Recebe o fogoso coração, que em breve reduzirás a cinza, do teu — *F.* »

Ora ahi está como se conversava e se amava naquelles bellos tempos; tudo era luz, vida, ardencia, sonhos e esperanças. Hoje acontece o contrario; pilha-se nos ares o seguinte dialogo:

— Que tens tu?

— Ora, deixa-me! Toda a minha familia está de cama; eu mesmo ando em pé por milagre de Nossa Senhora das Neves;

taremos de fogão na sala de visitas e a patinhar no lago do Passeio Publico; em compensação na terra do Labrador plantar-se-ha café de uma maneira prodigiosa e a Escossia nos mandará laranjas de presente. Irá tudo ás mil maravilhas; a noticia mais interessante em um anno será mais ou menos esta :

« Hontem, no antigo café Fluminense, um sujeito, depois de atravessar com rara pericia a rua que, como de costume, tinha cinco pés de gelo, pedio um sorvete de ananaz. Comprehende-se o espanto dos caixeiros que ha tanto tempo não ouvem essas palavras; o excentrico sujeito attrahio logo a attenção geral e, depois de algumas altercações, foi remettido para o hospicio de Pedro II, em um trenó, bem escoltado. »

E' esta a perspectiva que temos nós, Fluminenses; nós que ainda ha tres mezes eramos só calor, refrescos, suór e banhos do mar; nós que sentiamos passar sobre nossas cabeças gotejantes os suaves perfumes da febre amarella, da saudosa febre amarella. Os defuntos, era facto sabido, chegavão ainda quentes ao cemiterio e ião gozar antes de se deitarem na cova do fresco da sala do deposito. Encontravão-se, por exemplo, dous ou mais cidadãos, e logo :

— Que calor!

— E' verdade! Ainda estás em S, Domingos?

— Que duvida, pois a gente póde lá deixar aquella frescura!

— Eu cá durmo de janellas abertas; não tenho medo de ladrões...

— Qual ladrões! neste tempo? Elles mal se podem abanar!

— Tambem penso assim; minha mulher anda com projectos de fazer um passeio ao Jardim; alli reina uma viração que parece mesmo um sopro de anjinhos! A tua pequena já ficou boa daquella constipação?

— Ha que tempo! foi bastante dar um giro ao meio dia para suar á valer. A mais moça é que teve agora um ameaçosito de typho, mas, graças a Deos, já não ha novidade!

— Não sabes quanto estimo... Muito trabalho pela repartição?

— O que? pois é possivel com este calor? Trabalha-se, sim, mas descansa-se o corpo de meia em meia hora; alli, então, que é um forno!

— Lá isto é exacto. Queres vir tomar cerveja?

— Não, obrigado, acabei de fazer isto agora mesmo.

— Pois, adeos; tenho que comprar uma duzia de ventarolas, porque levo hoje minha mulher á Phenix.

— Até á vista.

Veja-se que serie de felicidades! que tom amavel! que estylo! que bons pais de familia!

Um jovem recebia o seguinte bilhetinho:

« Meu querido. Não sabes como gósto do calor só porque tem as tardes compridas. Passa mais vezes pela porta, que não faz mal; não me importo com a vizinhança. Amanhã eu e mamãi vamos passear no largo do Rocio; não faltes e vai todo de branco para eu te conhecer de longe. Remetto-te este cravo encarnado e desculpa se esta carta está molhada, porque estou suando muito. Tua, *C.* »

A resposta era:

« Minha alma.— Arde meu coração nas chammas do mais abrazado amor; beijo e rebeijo tuas ardentes phrases e queima-me o cerebro a triste lembrança de que só te vi duas vezes hoje de tarde, quando podia incendiar-me quatro vezes ao fogo dos teus scintillantes olhos e aos raios dos teus divinos sorrisos. Irei, irei ao Rocio e verás fulgurar no meu peito todo em braza o cravo que me enviaste, já meio secco pelo calor de meus osculos. Adeos, estrella, até amanhã, facho de minha vida. Recebe o fogoso coração, que em breve reduzirás a cinza, do teu — *F.* »

Ora ahi está como se conversava e se amava naquelles bellos tempos; tudo era luz, vida, ardencia, sonhos e esperanças. Hoje acontece o contrario; pilha-se nos ares o seguinte dialogo:

— Que tens tu?

— Ora, deixa-me! Toda a minha familia está de cama; eu mesmo ando em pé por milagre de Nossa Senhora das Neves;

aquelle maldito baile deu em resultado uma bronchite aguda, complicada com...

— E eu, meu amigo? Já não tenho cobertores em casa; o outro dia minha mulher ficou tão fria logo que se deitou que me levantei para ir encommendar o seu enterro. Imagina que aperto...

— Sim, sim, sempre foste um bom marido...

— Isto é serio ou brinquedo?

— Seja o que fôr, não lhe dou satisfações!

— Mariola!

Etc., etc., etc.

E eis uma disputa travada entre dous amigos de ha pouco, effeito dessa athmosphera siberiana.

Chegão-nos do interior as mais atterradoras noticias.

O Paulo Affonso é uma vasta lamina de gelo. No termo do Bom Pastor, todos os sambistas de um *Seu Severo* temivel ficárão subitamente accomettidos por um reumathismo no momento em que mais fervia a dansa. Um dos comprehendidos nesta lamentavel occurrencia é o vigario de uma freguezia proxima, o qual tinha de no dia immediato dizer uma missa por alma de um eleitor. Em Mogyguassú, o casal Libanio, que era o modelo dos casaes, está dando um escandalo: D. Libania quer divorciar-se do marido, isto porque na noite de sabbado ultimo os seus labios, que procuravão em casta sollicitude os do adormecido conjuge, tocárão em dous fios de gelo que sahião-lhe do canto da boca. Em vão o infeliz affirmou com a consciencia nas mãos que aquillo era baba gelada; a mulher não quiz saber de desculpas e ainda treme de horror quando se lembra do friorento contacto.

Deu causa este rigoroso inverno a uma insolencia infantil, digna da mais severa punição. O mestre de uma aula de primeiras letras em Itapemerim chamára á lição um alumno e lhe mandára dizer o Padre Nosso.

— Que tempo este! murmurava elle, creio que dentro em pouco gela-se a agua do moringue. Então, menino! diga lá...

— Eu me esqueci...

— Oh! vadio, pois ainda hontem aprendeste!... não tens memoria?

— Tenho, sim, senhor, mas ella tambem está gelada.

Um moço, aliás boa pessoa, apaixonou-se em Barbacena por uma jovem de elegante porte e encantador semblante; tudo conjecturava a proxima felicidade de dous entes que parecião criados um para o outro; as respectivas familias fingião não ver o innocente namoro e já se dizia nas vendas das immediações que o casorio não tardava.

Eis senão quando, Arthur é encontrado, desmaiado, com uma profunda alfinetada do lado direito e confessa que a causa desta tentativa de suicidio é o subito desdem de Elisa! Depois de longas inquirições veio-se ao conhecimento de um fact o real mente tristissimo.

Na noite antecedente, Arthur, como era costume velho, detivera-se junto á porta de Elisa para através da rotula repetir o que naturalmente a leitora sabe; repentino resfriamento, porém, tomára-lhe o apparelho mandibular de modo tal que ás ternas recommendações da amada elle só podia responder com o mais desenfreado bater de queixos de que ha memoria nas chronicas mineiras. Altamente irritada com tão inesperado silencio, Elisa, que não via a afflcção do mancebo, declarou-se offendida e recolheu-se á sua tenda, e no dia seguinte devolveu intacta uma carta em que o então aquecido amante relatava o seu caiporismo da vespera. Desesperado cometteu elle aquelle acto de loucura que tão funestas consequencias podia acarretar; e, acredita-se geralmente em Barbacena, que desta feita o frio fará alli outras victimas menos acauteladas.

O frio!... o frio!

Bem sei eu que para certa cathegoria de animaes bipedes, desses que andão por ahi mostrando quanta elasticidade tem a pelle humana, desses que só servem para prova inconcussa de que o boi Apis não foi um mytho, para os gordos, os obesos, os monstruosos, o inverno, bem sei, é um regalo, um *dolce farniente*, uma primavera edenica; para os verdadeiros filhos deste céo de fogo de ha pouco e desta terra dourada, para os esbeltos, delicados, ageis e leves é que o Brazil está

degenerado de uma maneira espantosa; procurai-os, se puderdes; difficilmente reconhecereis um só, porque cobre-lhes todo o corpo o mais acolchoado capote que puderão arranjar.

Todo o Brazil está tremendo, e quem diria que uma nação tão nova, tão rica, tão cheia de futuro?...

Dispõe-se a jantar um honesto pai de filhos e engole fria como neve a segunda colhér de sopa que fumegava na terrina quando elle sentára-se á mesa.

Bater palmas é o mesmo que esfollar as mãos; o sangue coalha-se nas veias e é o acto o mais heroico lavar-se a cara de manhã.

O frio! o frio!

Torna-se necessario qualquer providencia sanitaria: envie-se uma deputação ao sól, mude-se a capital do imperio para... algum lugar, habitavel ou forneça-se a cada cidadão um forno portatil. Sejão promptos, Srs. de cima, fação esta obra de misericordia, dar calor aos que tem frio; não se importem com verbas, nem com regulamentos: *beneficium nullæ legi subjectum est*, dizia o Seneca; a patria tirita, cessão os tempos normaes. Arrangem uma batalha no campo de Santa Anna, ou deixem o povo fazer uma revolução, só para se esquentar, dêm como recompensa de bons serviços o emprego de foguista nos navios de guerra e verão como muita gente empenhar-se-ha para obter tal remuneração. Qualquer cousa serve, comtanto que haja fogo, vida para uma população pacata que erguer-lhes-ha uma estatua de gelo.

Feliz Sodoma! ao menos tiveste uma chuva de fogo! quando alcançaremos tal pechincha?

Não lhes parece este artigo humido, gelido como o pé de um cadaver? O que posso garantir é que vai pouco a pouco se petrificando a tinta no meu tinteiro, e é bem capaz de me deixar sem poder concluir, este frio horroroso, irmão gemeo do vencedor de Napoleão na Russia.

O frio! o frio!

LUDOVICUS.

Junho 1870.

GUERRA DO PARAGUAY.

Depois de cinco annos de uma luta cheia de peripecias, de acção e inacção, de erros e espectativas, está finalmente concluida com gloria para as armas do Imperio a guerra com o Paraguay.

Mas, de envolta com os grandes sacrificios de sangue e de dinheiro e com o retardamento do progresso moral e material do Brazil, colheria este paiz algum beneficio real com esta guerra estrangeira?

Dizem *que ha males que vêm para bem*. Terá este aphorismo applicação ao Brazil em sua guerra com o Paraguay? Por mais que reflictamos, por mais que pesquizemos, não achamos senão uma resposta negativa.

Este paiz sacrificou-se, empenhou-se, cobrio-se de anno em anno de luto e de miseria, sem por fim colher ao menos uma vantagem real que o console em seu presente ou amenise o seu futuro. Comprehende-se que qualquer Estado sacrifique o seu ultimo vintem, a vida de milhares de seus cidadãos, e boa parte de seu porvir para tirar a vindicta de sua honra ultrajada; mas o que não se comprehende é que esse Estado, que para prosperar e engrandecer-se não tinha necessidade de glorias militares adquiridas á custa de sua ruina, se deva contentar sómente com ellas, com as quaes não poderá dar alimento a seus filhos nem melhorar a situação de seus povos ou a sorte de suas provincias. Queriamos certamente a vingança de nossa honra e a gloria de nossas armas; mas queriamos tambem, e muito justamente, proveitos de outra ordem, positivos e reaes, que não vierão com os triumphos, nem os podemos esperar de nossa diplomacia. Infeliz paiz!

Quando ao Brazil resultou um facto tão desconsolador, quando elle se empobreceu, se esterilisou por tal fórma e onerou-se de uma divida monstruosa, vio-se que o mesmo não succedeu aos seus alliados, especialmente a Republica Argentina: ella, com sacrificios infinitamente menores que aos do Brazil, participando dos espolios, colheu todas as vantagens

da guerra e a sua riqueza publica augmentou prodigiosamente.

Não invejamos os bens e a fortuna alheia, lamentamos sómente que por inepcia de nossos governos, só se fizessem sacrificios estereis.

Se tivessemos tido no governo homens verdadeiramente patriotas e previdentes, a guerra se teria feito com plano diverso, melhor acautelados os interesses da mesma guerra e do proprio paiz: teria sido toda feita por Matto-Grosso.

A provincia de Matto Grosso, essa infeliz martyr da guerra, da fome e da peste, essa misera soffredora e resignada, abandonada e esquecida, melhorou por ventura no fim da guerra sua situação exposta e isolada? Estará ella a coberto de qualquer ataque inimigo, e em caso contrario contará com promptos soccorros para sua defesa?

Não! Não!

Não! porque tudo ficou como antes da guerra!

Como d'antes, Matto-Grosso só possue a communicação fluvial pelo rio Paraguay, a qual póde ser a todo o momento interrompida por uma nova hostilidade, por um novo ataque estrangeiro.

A provincia póde ser como outr'ora impunemente atacada, e ficará sem defesa, sem soccorro; póde ser assolada e esmagada, antes que lá chegue o primeiro soldado, o primeiro canhão; porque, como dantes, ella não tem estradas nem communicações terrestres e promptas com o resto do Imperio, do qual continúa a viver segregada.

Eis, pois, o resultado de cinco annos de cruenta luta em que o paiz onerou-se de dividas, cobrio-se de luto, e encheu-se de miseria.

Eis o resultado do governo de homens que tudo esquecem e nada aprendem; nem as lições da desgraça, nem o instincto de melhor futuro os tornão mais experientes e avisados.

Se, porém, a guerra tivesse sido, como devêra, dirigida especialmente por Matto-Grosso; se nossa principal força de ataque se encaminhasse por ahi, onde devêra ser o ponto convergente das operações, limitando-se os do sul á defesa pela esquadra nos rios e pelo exercito na fronteira do Rio Grande; se uma

estrada de ferro, estendendo-se para Matto-Grosso, fosse conduzindo nossas legiões guiando-lhe o telegrapho electrico, ter-se-hia gasto o mesmo dinheiro, com certeza menor tempo, mas, com certeza tambem os resultados todos serião em proveito de nosso triumpho, do progresso material e moral daquella provincia; seria um proveito real para todo o paiz e digno sem duvida da época em que vivemos de progresso e de luzes, devendo notar-se ainda que a maioria das despezas da guerra serião feitas dentro do paiz.

Mas em vez disso, limitou-se a acção da guerra pelo interior do Imperio á essa pequena, mas heroica expedição, a esse punhado de bravos cruelmente lançados por invios sertões, atravessando florestas e desertos, rios, pantanaes e macegas em chammas, no meio da fome, da sède, das intemperies e epidemias; limitou-se já essa pequenina pleiade de valentes, valorosa e abnegada entre o flagello da guerra e dos elementos, entre o flagello dos homens e da natureza, barbara e inutilmente sacrificada pelos mais ineptos dos governos.

Em vez de um justo proveito, o que nos derão os governos e a diplomacia?

Tratados?

Tambem os tinhamos antes da guerra, mas a guerra veio a despeito delles.

Reconhecimento e promessa de pagamento de uma divida de guerra? Parece de realização tão problematica que só póde dar resultados negativos.

O que nos deu a diplomacia, o que o Brazil lucrou foi isto:

Germen para futura guerra no Prata;

O exilio por mais cinco annos no Paraguay, de mais cinco mil Brazileiros arrancados ao seu paiz, ás suas familias, aos seus interesses, á sua actividade e á sua industria para sustentar um governo estrangeiro e seus proprios tratados.

A boa politica, porém, a politica previdente e patriotica, politica larga e illustrada indicava, está indicando que as communicações com Matto-Grosso não devem ficar adstrictas sómente á navegação fluvial pelo Paraguay e Paraná, exposta

a accidentes e perigos internacionaes, atravessando portos estrangeiros; que não devemos sómente acautelar-nos dos paizes do Prata e Paraguay, senão tambem dos povos do Pacifico que limitão com o Brazil; que devemos com urgencia estabelecer communicações pelo interior do paiz por meio de estradas de ferro que irão ao mesmo tempo beneficiar a outras provincias por onde tem de atravessar; e o governo e os cidadãos que levarem a effeito esse grande e importantissimo melhoramento terão tecido sua corôa de gloria, serão benemeritos da patria.

J. Simões.

VICTOR MEIRELLES DE LIMA.

I.

A gloria não é uma mentira, não é um sonho, pensei eu diante de duas grandiosas télas, que o genio creador de um artista brazileiro fez nascer de seu pincel delicado e maravilhoso.

A gloria é para este artista inspirado uma realidade.

E senão, o publico que ajuize e corôe de louros a fronte deste distincto Brazileiro.

Feliz daquelle que sabe tirar de sua imaginação tantas grandezas sublimes, que como a propria natureza sabe crear, variando sempre, fugindo de toda monotonia, as flôres dos campos, os raios do sol, os reflexos da lua, as espumas do mar, as estrellas do céo, o fumo dos incendios, as paixões dos homens, os horrores da guerra.

Deos é assim, varia sempre; o seu pincel omnipotente não traça nunca o mesmo quadro: o rosto do homem formado sempre pelo mesmo modelo não se assemelha nunca, não ha uma tempestado igual á outra, o insecto que roja-se na terra não tem, visto pelo aperfeiçoado microsocpio, um semelhante, como o homem não tem um Sósias.

Embalde o artista dramatico procura copiar e deseja imitar

na physionomia, no gesto, na voz, as grandes paixões, imaginadas pelos poetas, embalde erguem-se na scena os Garriks, os Talmas, os Rossis. os Salvinis, as pinturas feitas das paixões dos homens podem illudir-nos por momentos, mas ellas ficão longe daquellas que a natureza faz nascer na alma da creatura, reflectir-se no rosto e manifestar-se nos gestos.

Só ha dous creadores, diz Castello Branco, Deos e o amor!

E' assim que os artistas dramaticos conseguem quasi imitar a natureza, como tambem o pintor, porque são genios, e os genios alimentão-se do amor e da gloria.

E' esse amor sublime que fez nascer Cesar e Napoleão, Raphael e Miguel Angelo, Newton e Gallileu, Verdi e Bellini, Homero e Dante; foi elle que fez a passagem do Rubicon, traçando com a ponta das lanças as ordens para a conquista do mundo, e que concebeu ao ribombo da artilharia o plano das batalhas de Marengo e Austerlitz; que descobrio esses assombrosos segredos da sciencia remontando-se a esses mundos infinitos que rolão pelo espaço, grandezas que fazem curvar a cabeça do proprio athêo; que creou esse conjuncto de harmonias que parecem roubadas ás aves das florestas e aos anjos do céo; que traçou na téla o retrato da Madona e fez erguer no local que fôra o circo de Vespasiano a basilica de S. Pedro, arrojo assombroso da arte; que gravou com o buril da immortalidade os versos da Illiada e os cantos do inferno de Dante!

Foi, pois, amor, o amor ardente da gloria, que se inflamma mysteriosamente no peito do genio, como as lavas de um volcão que não soube ainda romper as entranhas da terra, que creou um artista brazileiro digno de toda a protecção e de todo o applauso, que, se o bafo da inveja, o indifferentismo e o máo gosto das artes em nossa terra não matar, ha de figurar no porvir na galeria dos homens celebres, no meio dos Salvador Rosa, Corregios e Wan Diks.

II.

O autor da *Moema* e da *Primeira Missa no Brazil* não podia ficar estacionario, entretanto talvez assim acontecesse se não

tivesse elle achado no genio do Sr. Conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo um apreciador do seu talento.

E' sabido que no Brazil as artes são sómente apreciadas por meia duzia de loucos que têm o máo gosto de não se intrometterem na politica, mas uma politica miseravel e odienta como é a desta terra, e de não curarem sómente de inventar meios de obter algum privilegio ainda mesmo que seja o de furarem o Pão de Assucar! As cotações da praça não deixão muitas vezes aos nossos homens de dinheiro o tempo necessario para cuidarem de bellas-artes.

Felizmente para o Brazil já foi um dia ministro o Conselheiro Affonso Celso; digo felizmente, porque sempre vemos nos conselhos da corôa sómente enfatuadas nullidades. O Conselheiro Affonso Celso, intelligencia esclarecida, talento de eleição, que ainda não soube virar casaca, de uma illustração adiantada para seus poucos annos, felicitado por um bom senso pouco commum nos nossos homens de estado, e que deixou na marinha brazileira tantas affeições e um nome immorredouro; não olhava no tempo de seu ministerio unicamente dotar a sua patria desses terriveis encouraçados que levárão ao ribombo da artilharia ao som da metralha, a gloria da filha de Cabral ás inhospitas terras do Paraguay, ao antro do cruel tyranno; sua vasta intelligencia applicava-se ainda nos meios de proteger os artistas brazileiros e dotar a patria de dous grandes quadros para perpetuarem duas das maiores acções que nos annaes da guerra já forão escriptas com letras de ouro.

O primeiro quadro representa a passagem de Humaitá.

E' noite. A lua derrama seus pallidos raios n'um céo negro do fumo que vomitão mil peças de guerra, e que parece tranquillo, porque a natureza ri das grandezas pequenas dos homens. Por entre o fumo destaca-se ao longe o campanario da igreja de Humaitá. O espectador illude-se; lhe parece que realmente lá está ao longe aquelle campanario, tal é o tom firme das côres, tal é a poderosa força que dirigio a mão do artista: — os horizontes se rasgão, parece que aquella téla não tem fundo, que o artista quiz roubar um dos predicados do Omnipotente fazendo alli tambem o infinito!

Como é bello aquillo, o coração bate-nos apressado! A terrivel fortaleza lá está, vê-se, e quasi sente-se o som dos tiros das peças e obuzes, tal é a verdade com que foi traçado aquelle quadro, que a imaginação nos arrebata ao lugar do conflicto.

A nossa alma que para alli se alou sente-se por aquelles marinheiros que são nossos irmãos; Silveira da Motta, o Barão da frente, na phrase do poeta, lá rompe a marcha e atraz, para se tornar o primeiro, Maurity caminha sempre e não ouve a ordem de seu almirante.

O reflexo da lua nas aguas negras do rio, a vegetação que lhe borda as margens, as sombras, os claros, o fumo, o fogo é tudo de uma naturalidade arrebatadora!

Não é nosso proposito analysarmos este quadro e o outro que nada lhe fica a dever, nem nos achamos habilitados para tal empreza.

Nem tão pouco nos sobra o tempo para alongar-nos, queremos sómente dar um testemunho de nossa admiração, do nosso preito ao artista inspirado que soube com tanta verdade copiar aquella pugna de gigantes.

O segundo quadro não é inferior ao primeiro. Representa a memoravel batalha do Riachuelo. Neste o artista deveria achar-se em maiores difficuldades para harmonisar tantos grupos differentes.

Batalha do Riachuelo! epopéa brilhante, gloria invejavel por qualquer nação do mundo!

O vulto homerico de Barroso ahi está dominando todo aquelle cataclismo, toda aquella athmosphera de balas, de metralhas, de fumo, de incendio, de agua e de sangue.

E' preciso na verdade muita paciencia para estudar, como fez o artista, o menor objecto que alli se vê, uma bala, uma peça, uma espingarda, um cinturão e mil outras pequeninas cousas, que seria longo enumerar.

Cada physionomia representa uma paixão, não ha alli essa monotonia que se nota nos quadros onde se vêm muitos rostos. O artista quiz imitar a natureza que não produz jámais dous individuos semelhantes.

E' um quadro grandioso, é o esforço mais bello que póde produzir o genio!

E entretanto quando eu visitei a officina deste artista, encontrei um homem modesto, humilde, que como um ciceroni me mostrava aquellas obras maravilhosas sem exaltal-as, de modo que quem não o conhecesse diria estar na presença do aprendiz ou do servente; e esse homem era Victor Meirelles!

Elle tem consciencia do seu genio, não faz alarde de seu talento, não mendiga artigos pelos jornaes, nem biographias, é simples, modesto, pequeno para si, mas grande para o mundo.

Na sua fronte vasta brilha um raio de intelligencia, nos seus olhos a luz que illuminou as almas de Raphael e Miguel Angelo, e no seu peito bate um coração brazileiro para encher de gloria a sua patria e levantar para si o throno da immortalidade.

GREGORIO DE ALMEIDA.

25 de Maio de 1872.

A ENGEITADA.

Misera filha do céo, dorme emballada pelas auras fagueiras da natura.

Suffoca em teu peito os gritos dolorosos da angustia.

Não maldigas a horrivel sorte que te persegue.

Tem fé em Deos.

Negárão-te o berço de teu nascimento, que importa?

Não conheces teus pais? Embora. Resigna-te.

A tua patria é o céo; tua mãi, a Virgem Santa; teu pai é Deos.

Que mais almejas?

Não tens um nome?

O mundo chamar-te-ha a engeitada, a Divindade, porém, te acolherá em seu seio como a pureza.

Dorme, creatura celeste.

Não perturbes o teu innocente dormitar.

Tens em teu peito uma paixão ardente? Ama silenciosa-

mente ; que o mundo a não veja, que senão a prostitue com o seu bafo corrupto da maledicencia.

Dorme, cherubim, dorme.

. . . . , . .

Quando acordares conversa com os anjos, que, almas puras como a tua, hão de comprehender a tua santa e sublime linguagem nascida do intimo de tua alma.

Não chores ! Não manches os teus seductores e castos cilios com as lagrimas da dor.

Ri-te antes do mundo e da humanidade que assim terás cumprido a tua vingança.

. . . .

Vês além o céo como garboso ostenta a sua formosura ?

Ali existe um Ser que nós não vemos, um Ente a quem votamos a mais sincera e solemne adoração.

Sabes quem é ?

E' o pai da humanidade, o amparo do misero infeliz como tu.

E' Deos.

Vieste ao mundo, talvez, entre cantos festivaes ?

Pois bem, assim subirás ao céo, assim lá viverás vida de prazer, vida de Archanjo.

Se em teu sensivel coração a dôr vehemente da agonia tentar dilaceral-o, reza e terás por lenitivo os magicos conselhos do Senhor.

Entrega-lhe a alma, que pura como os cantos da Virgem Immaculada, subirá ao seio dos Seraphins, e lá fruirá a graça a que tem jus. O corpo ficará na terra, porque, materia como é, tornar-se-ha á sua primitiva origem :—em pó.

Dorme, querido anjo de pureza, que Deos velará em teu dormitar.

Soletra baixinho as tuas orações, que ellas subirão até o imperio do Supremo Ente.

Não maldigas a sorte.

Não maldigas a vida.

Tem resignação ; tem fé em Deos.

Dorme, pobre victima ; dorme socegada.

C. Lima.

A' ***

Quando ao sol posto solitaria e triste
Vagas á beira do sombrio mar,
E sobre as franjas do horizonte roseo
Scismando elevas um sentido olhar ;

Quando teu vulto se desenha airoso
Da tarde estiva na serena luz,
E o manso vento te movendo as saias
Cobre de affagos teus pezinhos nús ;

Quando teus labios seductores, bellos
Quaes finas conchas de punicia côr,
Bebem os sopros que das ondas correm,
Pejando os seios de amoroso ardor ;

Quando as estrellas, infantil cardume,
Que a noite emballa no ceruleo véo,
Ao vivo brilho dos teus olhos negros
Tremem ciosas na amplidão do céo;

Rude poeta, dos sertões amigo,
Genio indomavel como os euros são,
De teus encantos no feitiço preso,
Luto sem forças, me debato em vão !

Mudo, offegante, nos sarçáes occulto,
Nem me atrevendo á respirar sequer,
Qual dos desertos o caimão faminto
Miro-te as fórmas sensuaes, mulher !

Um fluido estranho, que escravisa e doma,
Teu vulto exhala e me encandeia então !
Se me cuspiras nesse instante ao rosto,
Eu te beijára suspirando a mão !

Eu bemdissera teus divinos labios !
Eu bemdissera teu desdem, talvez !
E me curvara como um cão rasteiro,
Lambendo humilde teus mimosos pés !

L. N. FAGUNDES VARELLA.

———————

O POETA E O LAVRADOR.

FABULA.

Á M. DE A. PORTO ALEGRE.

Era alta noite ; um pensador, um genio
Em brazileiro céo bebia a tragos
Inspirações sublimes.

Era alta noite ; um lavrador dormia
Esse somno feliz, que após a lida,
As palpebras nos cerra.

Já vão findando do descanso as horas,
E elle, o vate, nem pensa no respouso ;
O lavrador desperta.

— Não dormiste, poeta ? — Não, pensei,
Pensei na gloria, no porvir e á patria
Offertei mais um hymno !

E tu dormiste ? — Oh ! dormi ! que somno !
Não pensei no porvir, na gloria, em nada,
Nem mesmo em meu arado.

Dorme agora, poeta !— O que me vale
Cerrar os olhos, ter o craneo, ardendo
Em divinaes centelhas ? !

— Vate, serás feliz ! — Não, essa gloria
Gasta meus dias, me consome as noites,
Meu corpo já não vive.

E tu, ó lavrador, vives ditoso ?
— Vivo, vivo feliz, porque eu nunca
Busquei pensar na gloria.

Faze o que eu faço, sê cultor da terra
Quando os raios do sol dão vida ao mundo ;
De noite, ó vate, dorme !

— Dizes bem, lavrador ; porém, não posso,
Cultiva tu o chão, eu quero a gloria,
E' minha, é tua sina.

MORALIDADE.

Causa de tudo que de grande e bello
O homem tem creado, és tu sómente,
O' gloria do porvir!

Quanto soffrem, porém, os que se esforção
Para alcançar-te um dia? O vate o disse,
O lavrador o sabe!

DR. ANASTACIO L. DO BOMSUCCESSO.

EXTREMOSA.

A' M.

Da janella do terraço
Olhando pára o jardim
Ella quiz uma por uma
As flores mostrar á mim.
— Olha aquella — ella me disse —
Tão triste, mas tão louçã!
E' uma linda parasita
Que nasceu pela manhã.

—

— Como é lindo aquelle azul!
Como é mimosa essa flor!
Mas dura um dia sómente
O seu encanto e frescor!
A que hontem vi nascer
Tristesinha — já murchou....
E' a florsinha — tão secca —
Que junto della ficou!

— Vês a outra que tão meiga
Desbrochando agora vem?
E' tão bonita, é tão bella,
Mas não sei que nome tem.

Veja bem... n'aquelle arbusto
Junto ao pésinho de rosa...
— Ah! já vi!.... conheço-a muito:
Chama-se a —flor— *extremosa*.

— *Extremosa!* —qnem daria
Um nome tão doce assim?
Nunca vi flor tão mimosa
No meu risonho jardim.
Em belleza, em perfeição
Dessa flor excede á rosa:
Só este nome lhe assenta,
Só este nome: — extremosa!

— Extremos! — no coração
Eu sinto extremos tambem:
Sou como a flor *extremosa*...
Isto não sabe ninguem!
O coração da donzella
Tem os encantos da flor,
Quando soffre... quando vive
Em doces scismas de amor!

— Foi por certo algum poeta
Ao pensar na terna amada
Quem deu o nome da flor
Que tanto me encanta e agrada;
O senhor não é poeta?
Nunca versos fez á rosa?
Pois tambem faça uns versinhos
A' minha — flor *extremosa*

—

— De todas as outras flores
Lhe disse — a mais melindrosa
E' a tua flor dilecta —
Tua gentil — *extremosa*!
Porque traduz os encantos
E affectos do coração
Da virgem que sente n'alma
Os extremos da paixão.

Si eu fosse poeta — oh, certo!
Cantaria a meiga flor,

Tão pura, tão innocente
Como o virgineo pudor...
Mas como esse dom me falta,
Só direi — á flor mimosa :
— Que a virgem que dá-lhe extremos,
E' mais do que ella — *extremosa* !

—

Da janella do terraço
Olhando para o jardim
Ella quiz uma por uma
As flores mostrar a mim.
Que momentos de poesia !
Que poesia sem fim !
Quem me dera que eu pudesse
Passar sempre a vida assim !

J. L. CAETANO DA SILVA.

MEU CANAAN.

Tu a viste com os teus olhos, mas não passarás a ella.

DEUTERONOMIO CAP. XXXIV.

Eu me assento nas pedras do caminho
E pergunto aos que passão : — Inda é longe,
Muito longe o porvir ?

CAS. DE ABREU (Meu livro negro).

A morte não sentira, se á hora derradeira
Na terra promettida pudesse alfim pousar !
Mas, ah, de meu futuro talvez nem mesmo a estrella
Na derradeira hora se quer possa avistar !

A' ti, ó Moyses, guiou-te um Deus clemente !
A' mim, ai, quem me guia nas trevas do existir ? !...
Romeiro do futuro e do caminho em meio
Assento a minha tenda em busca do porvir !

E a tantos caminheiros que apoz de mim partirão
O termo da jornada não se lhes vem mostrar ?
E todos por mim passão !... ao vel-os eu exclamo :
— Avante, que eu só sigo !... Tambem hei-de chegar!

Mas, ah, van esperança ! Debalde os passos movo,
Barreira insuperavel me veda proseguir !
E — aqui — da minha tenda á margem do caminho
Murmuro, soluçando : — Adeus! Adeus porvir ! —

E como o Israelita que á hora derradeira
A terra promettida consegue apenas ver,
Assim de meu futuro a fugitiva estrella
Em cirio mortuario verei se converter !

Rio, 1867.

M. LEITÃO.

MAGDALENA.

POEMA POR Mme DE GIRARDIN.

(TRADUCÇÃO)

Canto primeiro

(Fragmento).

Harpa do rei poeta, oh luz das harmonias,
Tu que déste a David prantos e prophecias,
Se lhe inspiraste outr'ora, junto dos altares,
A confissão do crime e a dôr de seus pezares,
Dá-me d'esse genio tintas refulgentes,
E faze que os meus versos em fervidas torrentes
Recordem a tragedia de bem vetustas eras
A's almas, que se banhão ao sól das primaveras ;
Conta-me o mysterio de dôr tão sem igual,
A mim que só hei visto o pranto maternal :
Da pobre Magdalena não póde ler as dores
Quem teve sempre a vida sorrindo-lhe entre flores!
Da cidade bemdita fazia parte outr'ora
Maria Magdalena —a formosa peccadora ;
Flor acalentada ás auras de Sião,
Se a fez corar de pejo, foi-lhe redempção.

Busto formosissimo de esplendida belleza,
Dava-lhe ebria a turba cultos á realeza;
E ella que o sabia, cercava-se ainda mais
De ricos adereços — de galas divinaes!
Na tréva de su'alma ninguem se entenderia!
Ora a perfumar-se nas amphoras da orgia,
Ora, por escarneo ás timidas donzellas,
Toucava-se a bachante de candidas capellas!
Da meiga pudicicia seduzem-lhe os encantos;
Mas ella, alma de gelo, nem sabe fingir prantos:
Das lagrimas sinceras a augusta commoção
Os prantos mentirosos jàmais irritarão!
Fundas agonias, que a dòr fez condolentes,
Fugi de seus olhares ás chispas refulgentes.
Do templo da perdida fugi, castas matronas;
E tu, formosa virgem, que azinha te abandonas
Dos sonhos do hymmêo aos flóridos rega os,
Encanta o noivo teu, ai prende nos teus braços!
Queres-lo a embalar-te em canticos de amor?
Não ouça-lhe elle um dia o verbo seductor!
Esta tua peregrina de lubricos abysmos,
Dos sabios a isenção converte em paroxismos:
Flor de mansenilha, nas fórmas innocencia,
Ninguem a revocava á luz de casta essencia;
E comtudo, na fronte embotada pela orgia,
Que fulgidas aureolas, que traços, que harmonia!

1872.

DR. MORAES NAVARRO.

ROBERTO.

(IMITAÇÃO)

A MEU PAI.

Na relva assentado, na beira de um rio,
De um rio que as selvas inunda bravio,
Que brame qual féra tocada de dôr;
Estava Roberto, Roberto o captivo,
Roberto o malvado, Roberto o lascivo,
Seus crimes horriveis causavão terror!

Na face rusguenta vestigios se via
D'instinctos feroces, d'infame alma impia,
D'uma alma moldada no crime nefando ;
Os olhos sangrentos, pendidos p'ra terra,
Soltavão lampejos, lampejos de guerra
De féra medonha, de raiva espumando !

RODOLPHO G. DA PAIXÃO.

CHRONICA.

A Sociedade Brazileira ENSAIOS LITTERARIOS já conta doze annos e cinco mezes de existencia, de trabalhos, de longos e relevantes serviços prestadas á mocidade e à patria.

No Brazil, onde as associações litterarias apparecem para logo desapparecerem por falta de incentivo, de animação, de constancia, é raro apontar-se uma que tenha tido vida tão extensa e proveitosa.

Apezar de tantos labores, de tantas fadigas, das difficuldades com que tem lutado, ella ainda não cansou, nem pensa ter chegado ao termo de sua viagem.

Alimenta-a a esperança de que irá longe e anima-a a crença de que lhe está reservado um futuro glorioso.

A união, a amizade e a firmeza de todos os seus socios tem sido o sustentaculo de seus alicerces, cuja solidez as mais desencadeadas tempestades não poderão abalar e menos destruir.

A'quelles a quem a indifferença e o materialismo desta época não atrophiou no coração o amor ás letras, recommendamos a historia da sociedade, da qual é orgão esta *Revista*, desde o dia 1 de Janeiro de 1860, em que foi inaugurada, até 25 de Julho de 1866, contada nos tres primeiros annos desta publicação.

*
* *

Instruir o povo é dever, é humanidade.

Quem déra que a esse respeito os nossos governos procedessem com a mesma previdencia e interesse de que nos dão tão bellos exemplos os da Allemanha e dos Estados-Unidos !

A abertura de escolas de ensino primario, a creação de bibliothecas populares, eis do que muito necessitamos.

O Dr. A. Moreira Pinto é merecedor dos maiores encomios pelos inauditos esforços que tem empregado, pela boa vontade e abnegação com que trabalha para levar a effeito o estabelecimento de bibliothecas parochiaes.

Desejamos que todos o auxiliem em tão nobre intento e seja a sua idéa coroada do mais brilhante resultado.

*
* *

A polemica suscitada pelos maçons tem caracter mui diverso d'aquelle que ingenuamente se lhe attribue. Quem com attenção ler a maior parte dos artigos que sobre esse assumpto são publicados nas folhas diarias, verá que a causa de tanto celeuma não é o ultramontanismo ha muito existente entre nós, mas sim, o facto de ser justa ou injustamente castigado um Padre pelo Revm. Sr. Bispo, e em favor de quem se levanta uma nacionalidade inteira, que para protegel-o com mais liberdade, lança mão de futeis pretextos, como a maçonaria, o jesuitismo e o que mais sabemos nós?!

Esta é a verdade.

De coração quizeramos que trabalhassem unidos todos os brasileiros contra o fanatismo, a superstição, mas de outro modo.

*
* *

Devido á obsequiosidade do nosso distincto consocio o Sr. Dr. Faria Rocha, director do collegio *Santo Agostinho*, publicamos no lugar competente uma poesia inédita de Fagundes Varella, o laureado poeta da *Mimosa*.

*
* *

Na noite de 13, realizou-se no *Theatro Lyrico Fluminense* um explendido concerto musical, sob a direcção do intelligente artista brazileiro J. B. Cortes. O programma, que era variado e bonito, foi perfeitamente executado. Pena foi que não estivesse o theatro cheio.

*
* *

Apezar do máo tempo houve bastante concurrencia ás primeiras corridas deste anno no Prado Fluminense.

Se os cavallos fossem poetas, prozistas ou oradores, occupar-nos-hiamos com elles; porém, emquanto não possuirem essas bellas qualidades, nos contentamos em desejar que o publico continue a proteger esses hipicos divertimentos.

*
* *

Quanta gente não se lembrará, agora, que ha barracas no campo da Acclamação, do grande, impagavel, soberbo e saudoso Telles, de um Telles como não ha muitos e que jámais terá rival entre quantos barraqueiros appareção n'esta muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiró?

*
* *

A *Phenix* continúa com as representações do *Fausto* que lhe tem dado muito dinheiro; apezar dos bons desejos que para regenerar a arte tem mostrado o illustre Sr. Pires de Almeida, como ultimamente revelou na sensata critica que fez sobre *isso* que a platéa tanto tem applaudido.

Anda agora alli a excitar o riso a scena comica *O amor pelos cabellos*, na qual o actor *Taborda* brilhava, e que o Vasques tem desempenhado sem nada lhe ficar a dever.

*
* *

Tem subido á scena no S. Luiz além do drama *Os Filhos* a comedia *Lenço branco*, em que a Sra. Lucinda Simões, artista portugueza ultimamente chegada, vai bem na parte que lhe toca.

*
* *

O Principe Alexis continúa a passar a vida folgada que passão todos os soberanos emquanto os subditos o querem.

Que Sua Alteza conte na Russia que nós temos dous *Cassinos* e que divertio-se a grande, eis o que lhe pedimos.

*
* *

Lagrimas do coração é o titulo de um lindo romance. O mais justo elogio que se lhe póde fazer é lembrar que foi escripto pelo autor da *Mocidade de Trajano*.

Silvio Dinarte é um nome que já pertence e orna á litteratura patria.

*
* *

O Sr. Major Conrado Jacob de Niemeyer publicou uma *Impugnação* á parte que se refere á administração do Coronel Niemeyer no Ceará, da obra do Sr. Conselheiro Pereira da Silva, *Segundo periodo do reinado de Pedro I*. O Sr. G. Bellegarde collaborou n'essa obra.

Trabalhos como este estão ácima de todo e qualquer louvor que se lhes faça. Com a sua *Impugnação* prestou o Sr. Niemeyer um valioso serviço á sua familia, á patria e á historia.

*
* *

Os *Idyllios* do Sr. Dr. Caetano Filgueiras formão um bonito volume de 192 paginas e é o primogenito de mais cinco que S. S. propõe-se a publicar.

Quanto ao seu merecimento litterario, que ha de dizer um humilde chronista apoucado de talento á vista das cartas dos Srs. Antonio Feliciano de Castilho e Camillo Castello Branco, exaradas no livro?

E dado mesmo o milagre que elle fosse um genio, a fé que não deveria proferir uma só palavra a respeito, desde que o sublimado poeta, sem se lembrar que o *nosso* Porto-Alegre disse:

De um prodigo louvor nasce a ironia

confessa que tem sobejo direito para exclamar como o vate de Setubal:

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos!

e mais ainda: que lhe assiste o direito de accrescentar com o mesmo Elmano:

Castilho, o grão cantor, prezou meus versos!

E.... basta de Idyllios.

*
* *

Leitores, adeos.

GOMES BRAGA.

Typographia do — Apostolo, — rua Nova do Ouvidor ns 16 e 18.